

MUSEU NACIONAL DO AZULEJO

Depois do terramoto recuperou-se a policromia e a **PADRONAGEM** de tradição seiscentista para revestimento das construções pombalinas, a par da produção dos **REGISTOS**, pequenos painéis de azulejos colocados sobre a porta ou na entrada dos edifícios e que tinham como objectivo protegê-los contra eventuais desastres. Os santos que mais se popularizaram foram **S. Marçal**, protector dos incêndios; **S. Francisco de Borja**, contra os tremores de terra; e **St. António**, santo protector de Lisboa (1º PISO – SALA 13 E 14 SALA DA AZULEJARIA NEOCLÁSSICA).

O século XX, deu origem a uma diversidade de estilos e orientações, nomeadamente a nível da cerâmica para a arquitectura.

Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905), foi na transição do século XIX para o XX, o ceramista que melhor assimilou o espírito **ARTE NOVA**, realizando até ao fim da sua vida, belos padrões relevados com gafanhotos e borboletas. Nesta altura, o azulejo foi particularmente utilizado na decoração de lojas, em fachadas e frisos. (1º PISO – SALA 16 DE AZULEJARIA DO SÉC. XIX).

Nos **anos 50**, deu-se uma renovação do azulejo, integrado em modernos programas arquitectónicos, tendo o **METROPOLITANO DE LISBOA** sido um dos seus maiores impulsionadores, através da obra de Maria Keil (SALA 16).

Propostas apresentadas por qualificados pintores e ceramistas contemporâneos, têm contribuído para que o uso do azulejo em Portugal não seja apenas um facto histórico, ocupando espaços urbanos do nosso quotidiano. Desta utilização, dá conta o último sector da Exposição, com obras de **JORGE BARRADAS, MARIA KEIL, QUERUBIM LAPA, EDUARDO NERY, CECÍLIA DE SOUSA**, entre muitos outros. (2º PISO – SALA 16 CLAUSTRO D. JOÃO III).



No **MUSEU NACIONAL DO AZULEJO**, antigo Convento da Madre de Deus, existem dois temas, de especial interesse: um ligado ao **EDIFÍCIO**, o outro ligado à **COLECÇÃO** de azulejaria.

EDIFÍCIO

O **MUSEU NACIONAL DO AZULEJO** está instalado no antigo **CONVENTO DA MADRE DE DEUS**, fundado em 1509 pela Rainha D. Leonor de Lencastre (1458-1525), viúva de D. João II e irmã de D. Manuel I.

O Convento destinava-se a acolher religiosas da Ordem de Santa Clara.

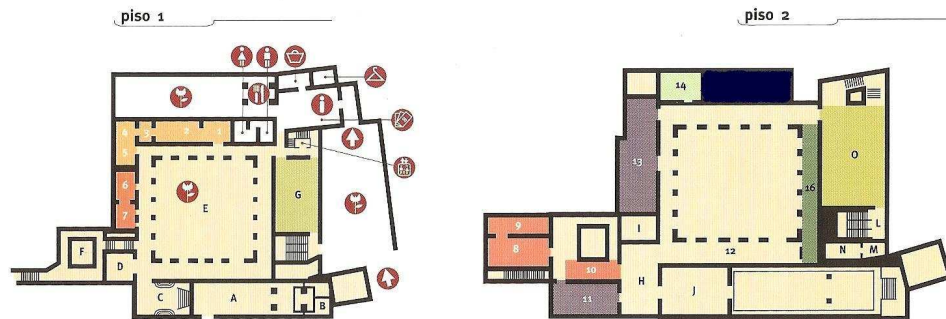
Apesar dos rigorosos preceitos de humildade, penitência e sobretudo pobreza que regiam a Ordem das Clarissas, o Convento foi ampliado e engrandecido, com importantes obras de arte e decoração, em especial durante os reinados de D. João III, D. João V e D. José I.

A protecção régia de que foi alvo, contribuiu para a notável qualidade arquitectónica e decorativa dos seus espaços – Igreja, Sacristia, Coros alto e baixo e Capela de Santo António - através do preenchimento integral com quadros de grandes pintores; Cristovão Lopes, do século XVI; Bento Coelho da Silveira, do século XVII; e André Gonçalves, do século XVIII, talha dourada, azulejos de Mestres portugueses e holandeses, soalhos e móveis de madeiras exóticas e mármore.

Em 1867, o Convento tornou-se propriedade do Estado e em 1872 encerrou definitivamente. Mais tarde, em 1958, por ocasião do 5º centenário do nascimento da Rainha D. Leonor, a Fundação Calouste Gulbenkian organizou uma exposição sobre a sua vida. Nesta altura, o edifício recebeu grandes melhoramentos, tendo sido para aqui transferidas as colecções de azulejo do Museu Nacional de Arte Antiga.

Tratando-se de um edifício amplo e ricamente decorado, surgiu então a ideia de criar um Museu, dedicado ao Azulejo.

Assim, em 1965, nasceu o Museu do Azulejo, embora ainda na dependência do Museu Nacional de Arte Antiga. Em 1980, passou a **MUSEU NACIONAL DO AZULEJO**.



1 e 2 - Sala das Técnicas: Séculos XV e XVI; 3 - Século XVI, Azulejaria de importação e primeira produção portuguesa; 4 - Século XVI. Retábulo de Nossa Senhora da Vida; 5 - Séculos XVI e XVII. Azulejos de padrão maneiristas; 6 - Século XVII. Padrões e registos religiosos; 7 - Século XVII. Frontais de altar de influência oriental;

8 - Século XVII. Sala da Caça; 9 - Século XVII. Escadaria de S. Bento; 10 - Século XVII. Azulejaria figurada; 11 - Século XVIII. Azulejos importados da Holanda, Ciclo dos Mestres e Grande Produção; 13 - Século XVIII. Azulejaria Rococó, pombalina e neoclássica; 14 - Século XVIII. Azulejaria neoclássica e Século XIX. Azulejaria romântica. 16 - Século XX. Azulejaria de autor, modernistas, moderna e contemporânea.

A - Igreja; B - Sacristia; C - Subcoro; D - Capela dita de D. Leonor; E - Claustro; F - Claustro; G - Sala de Exposições temporárias; H - Capela de Santo António; I - Casa do Presépio; J - Coro; L - Escadaria nobre; M - "Vista de Jerusalém"; N - Tribuna real; O - Sala de Exposições temporárias.

Piso 3 – 1ª metade Século XVIII. "Grande Panorama de Lisboa"

MUSEU NACIONAL DO AZULEJO
Rua da Madre de Deus, 4 – 1900.312 Lisboa
Tel. (351) 21 8100340 / Fax (351) 21 8100369
E-mail: mmazulejo@ipmuseus.pt
www.mnazulejo-ipmuseus.pt

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

A colecção do MUSEU NACIONAL DO AZULEJO, estabelece um percurso que vai desde a 2ª metade do século XV até à actualidade. Começa por uma apresentação breve das técnicas de manufactura do azulejo, seguindo a visita uma ordem cronológica pelas diferentes salas do Museu.

Após um primeiro contacto com as técnicas e os materiais de fabricação do azulejo, a exposição mostra exemplares **HISPANO-MOURISCOS**, de **CORDA-SECA E ARESTA**, do início **séc. XVI**. Alguns dos azulejos desta sala foram encomendados por D. Manuel I a oficinas de Sevilha, para decorar o seu Palácio da Vila de Sintra (SALA 1 - AZULEJOS DE CORDA SECA E ARESTA).



Apresentam-se, em seguida, azulejos feitos numa técnica inovadora, desenvolvida em Itália - a **FAIANÇA** ou **MAJÓLICA** - que tornava possível a pintura directa sobre o azulejo liso, sem que as cores se misturassem durante a cozedura, o que permitia a realização de grandes composições figurativas. Nesta técnica desenvolveu-se toda a azulejaria portuguesa, a partir de meados do séc. XVI. Exemplo de uma notável realização em Faiança, é o **RETÁBULO DE NOSSA SENHORA DA VIDA**, c. 1580, uma das primeiras obras-primas da azulejaria portuguesa, atribuída a Marçal de Matos (R/C - SALA 3, SALA 4)



Da **primeira metade do séc. XVII**, “Período Filipino”, existem no MNA ricas **PADRONAGENS**. Disso são exemplo os motivos “italo-flamengos”, as padronagens - “**TIPO TAPETE**” como as “ponta de diamante”, “camélias”, “parras”, “conchas”, entre outras. Podem também observar-se no Museu pequenos painéis - **REGISTOS** - com cenas religiosas de execução muito ingénua; e os **FRONTAIS DE ALTAR**, “ricos tecidos fingidos “ decorados com motivos de influência oriental.

A azulejaria desta época, em regra encomendada pelo Clero para valorizar espaços religiosos, era executada por artífices e aprendizes. As cores mais frequentes foram o azul e o amarelo. (SALAS 5, 6 E 7).

Ao atravessar o **CLAUSTRIM MANUELINO**, não passam despercebidos os seus **AZULEJOS**, azuis e amarelos, designados por “**ENXAQUETADO RICO**”, do séc. XVII, provenientes do extinto Convento de Sant’Ana.

No primeiro andar, encontram-se na “**SALA DA CAÇA**”, seis painéis da **segunda metade do séc. XVII**, vindos do Palácio da Praia, em Lisboa. Após a Restauração da Independência, em 1640, a Nobreza começa a encomendar painéis com temas não religiosos para decorar os seus palácios. As caçadas, actividade nobre desta época, constitui uma das cenas mais representadas (1º PISO - SALA 8).



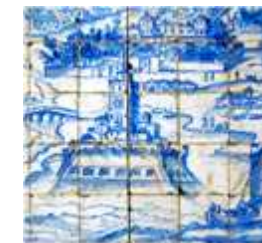
Da policromia do séc. XVII, visível nos exuberantes painéis de flores, (1º PISO - SALA 9 da **ESCADARIA DE S. BENTO**), passou-se no **séc. XVIII** à azulejaria pintada a azul-cobalto, por influência da azulejaria holandesa e da porcelana chinesa de importação. As inúmeras riquezas chegadas do Brasil fizeram crescer o número de encomendas.

No piso 3 do MNAz, o **GRANDE PANORAMA DE LISBOA** (c.1700), atribuído ao pintor Gabriel del Barco, constitui a iconografia em azulejos mais completa da cidade, anterior ao terramoto de 1755.

No **primeiro quartel do séc. XVIII**, notabilizaram-se vários pintores de azulejos, pela qualidade estética e técnica que alcançaram: **Gabriel del Barco, Manuel dos Santos, António Pereira, a família dos Oliveira Bernardes, o Mestre PMP**. Este período ficou conhecido por “**CICLO DOS MESTRES**”.

No **segundo quartel do séc. XVIII** - “**CICLO DA GRANDE PRODUÇÃO**”-, o fabrico de azulejos aumentou, consideravelmente, e destacaram-se nomes como **Teotónio dos Santos, Bartolomeu Antunes e Nicolau de Freitas**.

Do período Barroco, época de **D. João V**, estão expostos além de outros painéis, **A BATALHA DE ALEXANDRE** e a **CENA MARÍTIMA E CAMPESTRE** (1º PISO - SALA 11 ENG. SANTOS SIMÕES. AZULEJARIA BARROCA DA 1º METADE DO SÉC. XVIII).



De final do século XVIII ou início do XIX, possivelmente da **Real Fábrica do Rato** criada pelo Marquês de Pombal, é a **História do Chapeleiro**. Conjunto de painéis que contam a história da ascensão social do pastor António Joaquim Carneiro a rico fabricante de chapéus (1º PISO – SALA 12 AZULEJARIA ROCOCÓ, POMBALINA E NEOCLÁSSICA).

